



APOSTILA DE FILOSOFIA

Prof. Leandro Andrade da Rocha

1º ano – Ensino Médio - 4º bimestre



Situação de Aprendizagem 9 O PENSAMENTO DE ROUSSEAU

1. Introdução

O Iluminismo foi um dos mais importantes movimentos culturais do Ocidente e se desenvolveu no século XVIII, o Século das Luzes. O termo sintetiza várias tradições da filosofia europeia baseadas na valorização do homem, visto agora não mais como ser insuficiente e pecador, mas como ser racional, com a possibilidade de emancipar-se. Assim, os iluministas valorizavam a razão, a união, a tolerância e a fraternidade pelo exercício político. Immanuel Kant, um dos mais conhecidos expoentes do pensamento iluminista, num texto escrito precisamente como resposta à questão *O que é o Iluminismo?* descreveu de maneira lapidar a mencionada atitude:

O Iluminismo representa a saída dos seres humanos de uma tutela que estes mesmos se impuseram a si. Tutelados são aqueles que se encontram incapazes de fazer uso da própria razão independentemente da direção de outrem. É-se culpado da própria tutela quando esta resulta não de uma deficiência do entendimento, mas da falta de resolução e coragem para se fazer uso do entendimento independentemente da direção de outrem. *Sapere aude!* Tem coragem para fazer uso da tua própria razão! – Esse é o lema do Iluminismo.

O Iluminismo exerceu notável influência na História, particularmente na esfera política, período em que se formavam os Estados modernos, as nações politicamente representadas (Estado-nação), período marcada pela expansão dos direitos civis, consolidação do liberalismo e da democracia, e pela secularização, isto é, a separação das instâncias política e religiosa, implicando menor interferência da Igreja no Estado. O Iluminismo influenciou a Revolução Francesa, a Constituição Polaca de 1791, a Revolução Dezembrista e as ideias socialistas. Entre os filósofos iluministas, destacam-se os seguintes nomes: Spinoza, John Locke, Montesquieu, Kant, Diderot, David Hume, Rousseau e Voltaire. As principais características do Iluminismo eram:

- Valorização da razão, considerada o mais importante instrumento para se alcançar qualquer tipo de conhecimento;
- Valorização do questionamento, da investigação e da experiência como forma de conhecimento tanto da natureza quanto da sociedade, política ou economia;
- Crença nas leis naturais, normas da natureza que regem todas as transformações que ocorrem no comportamento humano, nas sociedades e na natureza;
- Crença nos direitos naturais, que todos os indivíduos possuem em relação à vida, à liberdade, à posse de bens materiais;
- Crítica ao absolutismo, ao mercantilismo e aos privilégios da nobreza e do clero;
- Defesa da liberdade política e econômica e da igualdade de todos perante a lei;
- Crítica à Igreja Católica, embora não se excluísse a crença em Deus. "



Delacroix, A Liberdade guia o Povo, 1830. As revoluções burguesas foram inspiradas pelas ideias iluministas.



APOSTILA DE FILOSOFIA

Prof. Leandro Andrade da Rocha

1º ano – Ensino Médio - 4º bimestre



2. Rousseau e Voltaire – Vida e Obra

Jean-Jacques Rousseau (Genebra, 28 de junho de 1712 — Ermenonville, 2 de julho de 1778) foi um filósofo genebrino, escritor, teórico político e um compositor musical autodidata. Uma das figuras marcantes do Iluminismo francês, Rousseau é também um precursor do romantismo. Ao defender que todos os homens nascem livres, e a liberdade faz parte da natureza do homem, Rousseau inspirou todos os movimentos que visavam uma busca pela liberdade. Incluem-se aí as Revoluções Liberais, o Marxismo, o Anarquismo entre outros.

Sua influência se faz sentir em nomes da literatura como Tolstói e Thoreau, influencia também movimentos de Ecologia Profunda, já que era adepto da proximidade com a natureza e afirmava que os problemas do homem decorriam dos males que a sociedade havia criado e não existiam no estado selvagem. Foi um dos grandes pensadores nos quais a Revolução Francesa se baseou, apesar de esta se apropriar erroneamente de muitas de suas ideias. A filosofia política de Rousseau é inserida na perspectiva dita contratualista de filósofos britânicos dos séculos XVII e XVIII, e seu famoso Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens pode ser facilmente entendido como um diálogo com a obra de Thomas Hobbes. Principais obras

Discurso sobre as ciências e as artes
Discurso sobre a origem da desigualdade entre os homens
Do Contrato Social
Emílio, ou da Educação

François-Marie Arouet, mais conhecido pelo pseudônimo Voltaire (Paris, 21 de novembro de 1694 — Paris, 30 de maio de 1778), foi um escritor, ensaísta, deísta e filósofo iluminista francês, conhecido pela sua perspicácia e espirotuosidade na defesa das liberdades civis, inclusive liberdade religiosa e livre comércio. Voltaire foi um escritor prolífico, e produziu obras em quase todas as formas literárias, assinando peças de teatro, poemas, romances, ensaios, obras científicas e históricas, mais de 20 mil cartas e mais de 2 mil livros e panfletos.

Ele foi um defensor aberto da reforma social apesar das rígidas leis de censura e severas punições para quem as quebrasse. Um polemista satírico, ele frequentemente usou suas obras para criticar a Igreja Católica e as instituições francesas do seu tempo. Voltaire foi um entre muitas figuras do Iluminismo (juntamente com John Locke e Thomas Hobbes) cujas obras e ideias influenciaram pensadores importantes tanto da Revolução Francesa como da Americana. Principais obras

Édipo,
O infante pródigo
Elementos da Filosofia de Newton
O século de Luis XIV
Micrômegas
Tratado sobre a tolerância
Dicionário filosófico



APOSTILA DE FILOSOFIA

Prof. Leandro Andrade da Rocha

1º ano – Ensino Médio - 4º bimestre



3. Texto Filosófico: A antropologia de Rousseau (Por José Maurício F. Mazzucco).

É notável a concepção de homem na obra de Rousseau. Muitos o julgam um ingênuo, pois sustentava uma concepção romântica acerca da natureza humana, mas uma análise mais profunda da antropologia rousseauiana revela a complexidade de seu pensamento. Sua antropologia aparece inicialmente na obra

Discurso sobre a origem e fundamentos da desigualdade entre homens. Para ele, o homem vivia originalmente em um estado de natureza. O homem natural, original, é um ser desprovido de preocupações intelectivas e sua ação é motivada apenas por aquilo que o rodeia. Assim, o homem de Rousseau, em estado de natureza, vive num mundo sensível. Nessa condição, o homem não chega a imaginar um desejo distante e despercebido. Portanto, esse homem não planeja, não faz projetos para o futuro e vive para o presente. É desprovido da habilidade de abstrair.

Para Rousseau, o homem natural não pode distinguir-se do outro sequer. Conhece apenas os homens de seu círculo de convivência e está incapacitado de abstrair acerca da condição humana, na qual se insere. Seria um homem incapaz de identificar uma essência comum aos homens. Escreve Rousseau: "Eles tiveram a ideia de um pai, filho, irmão, e não de um homem. A cabine continha todos os seus companheiros ... Fora eles e suas famílias, não havia mais nada no universo." (Ensaio, IX).

Ao contrário do pensamento, por exemplo, de Thomas Hobbes, Rousseau não vê o homem como um ser mau, um lobo egoísta, porém, também não vive socialmente em natureza, pois vive de seu instinto que lhe basta. O homem de Rousseau passa de ser natural, nu, para ser social, vestido, através de um novo recurso: não mais o do instinto, mas da razão. Se o instinto é o meio pelo qual o homem vive em natureza; a razão será o instrumento jurídico de convivência. Assim, Rousseau é um filósofo contratualista, ou seja, supõe que a convivência humana resultaria de uma espécie de contrato social, em que se renunciaria à condição de liberdade natural. A transição de um estado para outro, do natural para o civil, ocorreria num período marcado por conflitos, uma "guerra de todos contra todos". Esse estado de guerra teria sido promovido pelo estabelecimento da propriedade privada, afirma Rousseau. Além disso, faltavam regras e leis que estabelecessem a convivência. É claro que essas concepções filosóficas, da época, eram desprovidas de critérios científicos, como faz a sociologia ou a história. Daí nasce a necessidade de um contrato social, capaz de evitar as desigualdades. Assim, segundo Rousseau, com suas palavras: O que o homem perde pelo contrato social é a liberdade natural e um direito ilimitado a tudo quanto aventura e pode alcançar. O que com ele ganha é a liberdade civil e a propriedade de tudo o que possui.

O homem, pela convivência, desenvolve a habilidade de raciocinar (intelecto) mas também de amar (afeto). Assim, se desenvolve a capacidade de compreender. Na ordem civil, a desigualdade advinda da propriedade privada pode ainda se manter, mas Rousseau vê aí a necessidade de estabelecer o Estado democrático, em que as leis alcancem o princípio de igualdade. Define assim a democracia como a vontade soberana da maioria, uma vontade geral que não pode ser a soma das vontades individuais.

Mas, a vida social, segundo Rousseau, cria condicionamentos, convenções e artificialismos que corrompem o ser humano, ferido na espontaneidade natural que o caracteriza. Aponta, assim, os caminhos da educação. A educação não deve devolver o homem ao estado de natureza, mas deve libertar o homem da escravidão das convenções sociais, hipocrisias e dos hábitos exteriores. Sua pedagogia valoriza a experiência e está voltada para a vida. A educação é um retorno à pureza da consciência natural.

Voltaire criticou a filosofia de Rousseau afirmando que "ninguém jamais pôs tanto engenho em querer nos converter em animais". Mas, tal interpretação é equivocada se considerarmos a visão que Rousseau tinha de ser humano. Rousseau afirma, por exemplo, que o sentimento desenvolvido no homem é um instrumento de penetração na essência interior do homem. Abandonar as convenções torna-se um caminho para se chegar misticamente ao infinito. Isso equivale, diz o filósofo, a uma imersão na própria interioridade, alcançando a consciência de liberdade e,



APOSTILA DE FILOSOFIA

Prof. Leandro Andrade da Rocha

1º ano – Ensino Médio - 4º bimestre



assim, atingindo o sentimento íntimo da vida, com a qual o homem se identificaria com seus semelhantes e com a universalidade de todos os seres.

Situação de Aprendizagem 10 O PENSAMENTO DE VOLTAIRE

1. Introdução

Voltaire fez grande oposição à intolerância, particularmente religiosa. A Europa era marcada por guerras religiosas e por intolerâncias. Falar em tolerância de pensamento e em liberdade religiosa hoje, soa como natural, como se fossem processos naturais de convivência humana e sempre tivessem existido. Mas não foi assim. Ao pronunciar-se acerca da tolerância, Voltaire foi considerado um revolucionário e foi perseguido, sendo inclusive exilado da França. Voltaire, assim, muito contribuiu para a liberdade humana de expressão, e, além disso, contribuiu para o desenvolvimento da ciência do Direito, pois defendia a criação de leis para todos. Era um liberal, mas o seu liberalismo não deve ser confundido com o liberalismo econômico de Adam Smith. Este prega a mínima intervenção do Estado nos processos econômicos. Dizer que Voltaire era um liberal equivale a dizer simplesmente que não era um conservador político.

2. Vida de Voltaire

François-Marie Arouet, dito Voltaire, nasceu em uma abastada família burguesa e fez seus estudos com os jesuítas, no Colégio Louis-le-Grand, em Paris. Em 1718, alcançou grande sucesso com a tragédia *Édipo*. Contudo, por ter insultado um nobre, o duque de Rohan-Chabot, foi encarcerado na Bastilha, em 1726, e mais tarde libertado, mas sob a condição de que partisse para o exílio. Assim, passa três anos na Inglaterra, quando, além de frequentar a aristocracia e a intelectualidade inglesas, se familiariza com as ideias do **Iluminismo**.

Retorna a Paris em 1729, mas sua obra *Cartas filosóficas* (ou *Cartas sobre os ingleses*), em que faz elogios à tolerância religiosa e à liberdade cultural e política na Inglaterra, é condenada pelas autoridades, o que o obriga a se refugiar no castelo de Cirey, onde passa dez anos escrevendo e estudando (inclusive a física de Newton), ao lado da marquesa du Châtelet, sua amante, mulher espirituosa e erudita.

Retorna a Paris em 1744, sendo eleito para a Academia Francesa em 1746, quando é introduzido na corte por Madame de Pompadour, amante do rei. Muda-se, em 1750, para Potsdam, depois de aceitar o convite de Frederico II, da Prússia. Três anos mais tarde, no entanto, após um conflito com o rei, retira-se para uma casa perto de Genebra.

Hábil homem de negócios, com a fortuna adquirida inclusive por meio de especulações na Bolsa compra o castelo e a fazenda Ferney, nas proximidades de Genebra, onde instala fábricas de tecidos de seda e de relógios. Torna-se milionário. E graças à independência financeira, passa a intervir em casos de intolerância religiosa, como o Calas (execução de um protestante cujo filho se suicidara, sob acusação de tê-lo assassinado para impedir de converter-se ao catolicismo) e o La Barre (homem executado por não ter tirado o chapéu ao encontrar uma procissão).



APOSTILA DE FILOSOFIA

Prof. Leandro Andrade da Rocha

1º ano – Ensino Médio - 4º bimestre



3. Obra e influência

Não seria exagero dizer que Voltaire foi o homem mais influente do século XVIII. Seus livros eram lidos por toda a Europa e vários monarcas pediram seus conselhos. Deixou uma obra que reúne cerca de 70 volumes.

Apesar de obras poéticas consideradas ultrapassadas, e em alguns casos ilegíveis, Voltaire é magnífico na prosa, de estilo, correção e fluência admiráveis, além de possuir espirituosidade e irreverência. Seu *O século de Luís XIV*, de 1751, por exemplo, é a primeira obra de historiografia que inclui a história da cultura, das letras e das artes. E o *Ensaio sobre os costumes e o espírito das nações* de 1756, obra de erudição incrível, é a primeira tentativa de uma história universal do ponto de vista do liberalismo religioso e político.

Nenhum de seus livros, contudo, supera, em espirituosidade, o *Cartas filosóficas*, em que a vivacidade das comparações entre a liberdade inglesa e o atraso da França é irresistível. Voltaire propagandeou os ideais iluministas em todos os seus livros, mas principalmente nos romances – também chamados de “contos filosóficos”, como *Zadig*, *Micrômegas* e, sua obra-prima, *Cândido, ou o otimismo* – e no seu radical *Dicionário filosófico*. Ele também nos deixou cerca de 10 mil cartas, extensa correspondência que guarda, até hoje, qualidades fascinantes. Apesar de anticlerical fervoroso e de combater todas as formas de intolerância, Voltaire não foi ateu, mas um deísta. Defensor da burguesia, foi um dos principais inspiradores da **Revolução Francesa**, movimento que realizou suas ideias anticlericais e de igualdade perante a lei. Em fevereiro de 1778, Voltaire finalmente retornou a Paris, onde foi amplamente festejado, morrendo logo depois.

4. Texto Filosófico Clássico: Voltaire em Defesa da Tolerância

Desde que se exilara na Inglaterra em 1726, Voltaire encantou-se com a liberdade dos súditos britânicos. Não só isto, tornou-se um anglófilo preocupado em difundir a ciência (as concepções de Newton) bem como os costumes e ideias dos escritores e pensadores daquele reino que ele entendia ser feliz. Entre elas entregou-se por igual na defesa da tolerância.



Voltaire dedicou preciosa obra sobre o problema da tolerância religiosa

Inquisição acusado de ateísmo, em 1619). O *Traité* se tornou um libelo do iluminismo contra o obscurantismo, ou como se disse, o *J'accuse* do século XVIII.

Seguindo as pegadas de John Locke, que apresentou uma sólida argumentação a favor da tolerância como remédio para as discórdias civis e religiosas ('*Cartas sobre a tolerância*', 1689), Voltaire produziu dois ensaios sobre o tema. Um ele introduziu no seu *Dictionnaire Philosophique*, (*Dicionário Filosófico*), de 1764, verbete 'tolerância', o outro foi uma exposição mais longa da sua defesa do Caso Calas, dado a público um ano antes, em 1763, intitulado *Traité sur la tolérance*, em favor da reabilitação de um burguês protestante, Jean Calas. O pobre homem sofrera, devido a um erro judicial, uma pena injusta por motivos de fanatismo

religioso, perdendo a vida e os bens quando esquartejado em Toulouse em 10 de março de 1762 (no mesmo local onde o filósofo italiano Vanini fora queimado pela



APOSTILA DE FILOSOFIA

Prof. Leandro Andrade da Rocha

1º ano – Ensino Médio - 4º bimestre



5. Texto Filosófico Clássico: Voltaire contra o Fanatismo

Não havia outra solução, para ele, no combate ao radicalismo religioso e a inclinação para o extremismo teológico senão que a adoção de uma firme política da tolerância. O fanatismo é uma espécie de febre ou cólera da alma que leva os indivíduos a confundirem visões e sonhos com a realidade, terminando por satisfazer sua loucura por meio do crime. É a aliança entre a ignorância e a crueldade.

‘O que é tolerância’, perguntou, senão que ‘o apanágio da humanidade. Somos todos cheios de fraquezas e de erros; perdoemo-nos reciprocamente as nossas tolices...’(Dicionário Filosófico). Para ele nada melhor como exemplo do bom convívio entre as diferenças do que frequentar a bolsa de valores, coisa que ele fazia costumeiramente em Londres.

Lá se encontravam o episcopal, o calvinista, o muçulmano, o judeu, o católico, e seja mais qual for, todos em harmonia ganhando o seu dinheiro e ajudando na prosperidade do reino. Nenhum deles se aprontava para degolar o outro ou para colocá-lo na fogueira. Por que, no restante da sociedade, não se seguia o exemplo do bom convívio deles?

Para Voltaire, o desacerto dos cristãos não começou com a Reforma. Data de tempos bem mais remotos. Já nos primeiros séculos do cristianismo, entre Tertuliano, Orígenes, Novaciano, Sibelius, Donat, e outros patriarcas, imperava abertamente a discórdia. Mesmo depois de Constantino ter reconhecido o cristianismo como religião do império, a cizânia não cessou entre os seguidores da nova fé; atanasianos brigavam com eusebianos.

Durante a perseguição de Domiciano, as seitas cristãs não cessavam de ofenderem-se. Ainda que tivessem escondidas em subterrâneos ou nas catacumbas de Roma, trocavam injúrias e lançavam maldições umas contra as outras. Naqueles idos, a Igreja Cristã, inundada de sangue, jamais marchara unida: o ebionita excomungava o corpocraniano, que por sua vez, era anatematizado pelo sabeliano. E tais desavenças e rancores se projetaram pelos tempos a fora, fazendo com que somente a tolerância poderia vir a saná-los.

6. As incertezas da fé

Como poderiam os integrantes das seitas cristãs estarem tão certos e aferrados às suas crenças se elas não estão baseadas nos rigores da geometria nem da aritmética? O que os garantia como depositários da verdadeira fé e os outros não? Isto o levou a concluir que havendo duas igrejas num reino uma tentará cortar o pescoço da outra, se forem trinta viverão em paz. Além disto, havia uma enorme distância entre as práticas de Jesus e o que mais tarde se estratificou como norma da Igreja Cristã. Na verdade, afirmou Voltaire, ela é ‘o oposto da religião de Jesus’. Tudo isto o levou a concluir que, devido as nossas fraquezas e nossos erros, tão humanos e constantes, ‘devemos tolerarmo-nos mutuamente’ visto estarmos sujeitos à mutabilidade, à inconsequência e ao engano. Não somos senão ‘um caniço vergado pelo vento na lama’, o que não nos autoriza a desencadear perseguições a ninguém, muito menos a um outro caniço igual a nós.

Voltaire não acreditava que suas palavras pudessem ter qualquer efeito de fato sobre o poder clerical promovendo a sua conversão à tolerância. Ele dirigia-se, ativa e diretamente, a um novo elemento que se formava crescentemente no século XVIII: a opinião publica!

Dela é que partiria a pressão a ser feita junto às autoridades seculares para coibir a intolerância, especialmente se na cabeça do reino estiver um príncipe ilustrado, um déspota esclarecido, como era o caso de Frederico II da Prússia, que acolhera Voltaire em seu palácio de Sans-Souci e que usara o pulso firme para evitar as quizílias religiosas em Berlim.



APOSTILA DE FILOSOFIA

Prof. Leandro Andrade da Rocha

1º ano – Ensino Médio - 4º bimestre



Alguém, enfim, com visão moderna que lançaria mão dos poderes do estado para impedir os exageros do fanatismo e dos desatinos praticados em nome de Deus.

7. Trecho De Rousseau, Discurso sobre as ciências e artes.

O que a reflexão nos ensina a esse propósito, a observação o confirma perfeitamente: o homem selvagem e o homem policiado diferem de tal modo, tanto no fundo do coração quanto nas suas inclinações, que aquilo que determinaria a felicidade de um reduziria o outro ao desespero. O primeiro só almeja o repouso e a liberdade, só quer viver e permanecer na ociosidade e mesmo a ataraxia do estoico não se aproxima de sua profunda indiferença por qualquer outro objeto. O cidadão, ao contrário, sempre ativo cansa-se, agita-se, atormenta-se sem cessar para encontrar ocupações ainda mais trabalhosas; trabalha até a morte, corre no seu encalço para colocar-se em situação de viver ou renunciar à vida para adquirir a imortalidade; corteja os grandes, que odeia, e os ricos, que despreza; nada poupa para obter a honra de servi-los; jacta-se orgulhosamente de sua própria baixaza e da proteção deles, e, orgulhoso de sua escravidão, refere-se com desprezo àqueles que não gozam a honra de partilhá-la. Que espetáculo não seria para um caraíba os trabalhos penosos e invejados de um ministro europeu!

8. Frases de Rousseau

- “O mais forte não é suficientemente forte se não conseguir transformar a sua força em direito e a obediência em dever”
- “Vosso filho nada deve obter porque pede, mas porque precisa, nem fazer nada por obediência, mas por necessidade”
- “A razão forma o ser humano, o sentimento o conduz.”
- “O homem de bem é um atleta a quem dá prazer lutar nu.”
- “O maior passo em direção ao bem é não fazer o mal.”
- “Bastará nunca sermos injustos para estarmos sempre inocentes?”
- “A paciência é muito amarga, mas seus frutos são doces.”
- “As boas ações elevam o espírito e predispõem-no a praticar outras”.
- “Quem enrubesce já é culpado; a verdadeira inocência não tem vergonha de nada.”
- “O ser humano verdadeiramente livre apenas quer o que pode e faz o que lhe agrada.”
- “Para conhecer os homens é preciso vê-los atuar.”



APOSTILA DE FILOSOFIA

Prof. Leandro Andrade da Rocha

1º ano – Ensino Médio - 4º bimestre



Exercícios Filosóficos para Reflexão e Fixação

1. São características do Iluminismo, exceto:
 - a) valorização da razão, considerada o mais importante instrumento para se alcançar qualquer tipo de conhecimento;
 - b) valorização do questionamento, da investigação e da experiência como forma de conhecimento tanto da natureza quanto da sociedade, da política ou da economia;
 - c) crença nas leis naturais, normas da natureza que regem todas as transformações que ocorrem no comportamento humano, nas sociedades e na natureza; crença nos direitos naturais, que todos os indivíduos possuem em relação à vida, à liberdade, à posse de bens materiais;
 - d) defesa do absolutismo, do mercantilismo e dos privilégios da nobreza e do clero;
 - e) defesa da liberdade política e econômica e da igualdade de todos perante a lei; crítica à Igreja Católica, embora não se excluísse a crença em Deus.
2. Analise as alternativas que pretendem abordar o contexto histórico em que o Iluminismo se desenvolveu e julgue as proposições.
 - I. – Ocorreu no século XV. Formação dos Estados modernos, as nações politicamente representadas (Estado-nação) e ausência de Estados absolutistas.
 - II. – Expansão dos direitos civis, consolidação do liberalismo e da democracia.
 - III. – Estabelecimento da secularização.
 - IV. – Período em que não havia grandes conflitos religiosos, daí a elaboração de textos acerca da tolerância.

São verdadeiras:

 - a) I e II
 - b) I e III
 - c) II e III
 - d) III e IV
 - e) I e IV
3. “O que o homem perde pelo contrato social é a liberdade natural e um direito ilimitado a tudo quanto aventura e pode alcançar. O que com ele ganha é a liberdade civil e a propriedade de tudo o que possui.” (Rousseau). A frase do filósofo Rousseau o situa entre os filósofos
 - a) pessimistas.
 - b) contratualistas.
 - c) socialistas.
 - d) autoritários.
 - e) libertários.



APOSTILA DE FILOSOFIA

Prof. Leandro Andrade da Rocha

1º ano – Ensino Médio - 4º bimestre



4. Sobre a visão de homem sustentada pelo filósofo Rousseau, leia e julgue as assertivas abaixo.
- I. – Sua antropologia aparece inicialmente na obra Discurso sobre a Origem e Fundamentos da Desigualdade Entre Homens.
 - II. – Para ele, o homem vivia originalmente em um estado de natureza. O homem natural, original, é um ser desprovido de preocupações intelectivas e sua ação é motivada apenas por aquilo que o rodeia. Assim, o homem de Rousseau em estado de natureza vive num mundo sensível. Nessa condição, o homem não chega a imaginar um desejo distante e despercebido. Portanto, esse homem não planeja, não faz projetos para o futuro e vive para o presente. É desprovido da habilidade de abstrair.
 - III. – Para Rousseau, o homem natural não pode distinguir-se do outro sequer. Conhece apenas os homens de seu círculo de convivência e está incapacitado de abstrair acerca da condição humana, na qual se insere.
 - IV. Em estado de natureza, o homem revela uma face egoísta e uma natureza má. Sua imoralidade e inclinações para a guerra resultam de uma natureza essencial da condição humana. Esse homem ficou conhecido como o mau selvagem.

São verdadeiras:

- a) I e II
 - b) I, II e III
 - c) II e III
 - d) III e IV
 - e) I, III e IV
5. (UFF) – O escritor e filósofo francês Voltaire, que viveu no século XVIII, é considerado um dos grandes pensadores do Iluminismo ou Século das Luzes. Ele afirma o seguinte sobre a importância de manter acesa a chama da razão: “Vejo que hoje, neste século que é a aurora da razão, ainda renascem algumas cabeças da hidra do fanatismo. Parece que seu veneno é menos mortífero e que suas goelas são menos devoradoras. Mas o monstro ainda subsiste e todo aquele que buscar a verdade arriscar-se-á a ser perseguido. Deve-se permanecer ocioso nas trevas? Ou deve-se acender um archote onde a inveja e a calúnia reacenderão suas tochas? No que me tange, acredito que a verdade não deve mais se esconder diante dos monstros e que não devemos abster-nos do alimento com medo de sermos envenenados”. Identifique a opção que melhor expressa esse pensamento de Voltaire.
- a) Aquele que se pauta pela razão e pela verdade não é um sábio, pois corre um risco desnecessário.
 - b) A razão é impotente diante do fanatismo, pois esse sempre se impõe sobre os seres humanos.
 - c) Aquele que se orienta pela razão e pela verdade deve munir-se da coragem para enfrentar o obscurantismo e o fanatismo.
 - d) O fanatismo e o obscurantismo são coisas do passado e por isso a razão não precisa mais estar alerta.
 - e) O fanatismo e o obscurantismo são coisas do futuro e por isso a razão precisa redobrar sua atenção.



APOSTILA DE FILOSOFIA

Prof. Leandro Andrade da Rocha

1º ano – Ensino Médio - 4º bimestre



6. (UFU-Adaptada) – A relação homem-natureza consome a maior parte das obras de Rousseau, que seguiu uma direção peculiar assentada na crítica ao progresso das ciências e das artes. A este respeito, pode-se afirmar que
- I. – prevalece, nos escritos de Rousseau, a moral fundada na liberdade, a primazia do sentimento sobre a razão e, principalmente, a teoria da bondade natural do homem;
 - II. – o bom selvagem ou o homem natural é dotado de livre arbítrio e sentido de perfeição, sentimentos esses corrompidos com o surgimento da propriedade privada;
 - III. – o bom selvagem, descrito por Rousseau, possui uma sabedoria mais refinada que o conhecimento científico, o que confirma a completa ignorância da cultura letrada;
 - IV. Rousseau não defende o retorno do homem à animalidade; ao contrário, é preciso conservar a pureza da consciência natural, isto é, alcançar a verdadeira liberdade.
- Assinale a alternativa que apresenta todas as afirmativas corretas.
- a) I, III e IV
 - b) II, III e IV
 - c) I, II e IV
 - d) I, II e III
 - e) II e IV
7. (ENEM) – Os produtos e seu consumo constituem a meta declarada do empreendimento tecnológico. Essa meta foi proposta pela primeira vez no início da Modernidade, como expectativa de que o homem poderia dominar a natureza. No entanto, essa expectativa, convertida em programa anunciado por pensadores como Descartes e Bacon e impulsionado pelo Iluminismo, não surgiu “de um prazer de poder”, “de um mero imperialismo humano”, mas da aspiração de libertar o homem e de enriquecer sua vida, física e culturalmente. CUPANI, A. A tecnologia como problema filosófico: três enfoques, *Scientiae Studia*. São Paulo, v. 2 n. 4, 2004 (adaptado). Autores da filosofia moderna, notadamente Descartes e Bacon, e o projeto iluminista concebem a ciência como uma forma de saber que almeja libertar o homem das intempéries da natureza. Nesse contexto, a investigação científica consiste em
- a) expor a essência da verdade e resolver definitivamente as disputas teóricas ainda existentes.
 - b) oferecer a última palavra acerca das coisas que existem e ocupar o lugar que outrora foi da filosofia.
 - c) ser a expressão da razão e servir de modelo para outras áreas do saber que almejam o progresso.
 - d) explicitar as leis gerais que permitem interpretar a natureza e eliminar os discursos éticos e religiosos.
 - e) explicar a dinâmica presente entre os fenômenos naturais e impor limites aos debates acadêmicos.



APOSTILA DE FILOSOFIA

Prof. Leandro Andrade da Rocha

1º ano – Ensino Médio - 4º bimestre



BIBLIOGRAFIA E SUGESTÕES DE APROFUNDAMENTO

ARANHA, MARIA L. A. Filosofando – introdução à filosofia. São Paulo: Moderna.

CHAUÍ, M. Convite à Filosofia. 12. ed. São Paulo: Ática, 2001.

CHAUÍ, Marilena. Introdução à Filosofia. São Paulo: Ática, 2010.

CUPANI, A. A tecnologia como problema filosófico: três enfoques. São Paulo, v. 2 n. 4, 2004 (adaptado).

Voltaire. Ensaio sobre os costumes e o espírito das nações de 1756

11

Professor Leandro Andrade da Rocha



Website

www.cogitomagister.blogspot.com



leoandrerocha@hotmail.com



@msleandrorocha



LeandroChamberlain